



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS DE JAGUARÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINAS: PRÁTICA DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL E SOCIALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES II

**RELATÓRIO DA PRÁTICA DOCENTE EM ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

ORIENTADORA: Patrícia Moura Pinho
ACADÊMICA: Maria Beatriz Moraes Martins

Jaguarão, julho 2011

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: MEMORIAL DESCRIPTIVO.....	04
2. PLANEJAMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO.....	08
2.1 Dados referentes à instituição escolar.....	08
2.2 Dados referentes à sala de aula.....	10
2.3 Caracterização da turma.....	11
2.4 Abordagem teórico-pedagógica: Princípios norteadores.....	12
2.5 Fio condutor e eixos possíveis.....	13
2.6 Justificativa.....	13
2.7 Objetivos específicos.....	14
2.8 Abordagens possíveis e seus desdobramentos.....	14
2.9 Avaliação.....	16
2.10 Cronograma.....	16
3. REFLEXÕES ANALÍTICO-TEÓRICAS SOBRE A PRÁTICA.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXOS.....	27

1. INTRODUÇÃO: MEMORIAL DESCRIPTIVO

Aos oito dias do mês de junho de 1981, na Santa Casa de Misericórdia de Arroio Grande, em uma noite fria, típica de inverno, vim ao mundo. Segundo a minha mãe com um sonoro choro, sendo a minha primeira expressão oral.

Sou de uma família de classe media baixa, tive uma infância rodeada de adultos, pois fui a caçula dos treze filhos, com diferença de sete anos para minha irmã, que é anterior a mim, e vinte quatro anos do primogênito. Logo penso eu que as minhas atitudes, expressões sempre foram mais maduras do que as meninas da minha idade.

Ao recordar o meu passado, tenho vagas lembranças sobre histórias que me eram contadas, pois a minha mãe pouco fazia essa atividade, então, por ver muitos diálogos entre as pessoas da minha família, comecei nas minhas brincadeiras com as bonecas, repetindo essas conversas com elas, e aos poucos fui me introduzindo no mundo da escrita, ao manusear os cadernos de aula da minha irmã, onde eu ficava admirando a letra dela.

Aos sete anos e nove meses, ingressei na 1^a serie, tinha pouca noção da escrita, a não ser o meu nome, pois minha mãe seguidamente escrevia suas cartas aos meus irmãos, que moravam distante da nossa cidade. Então ela me dava uma folha de caderno e um lápis, mas o que sempre queria mesmo era manusear com a caneta. Assim, fazia os meus rabiscos e, consequentemente, ela foi me ensinando às letras que formavam o meu nome.

Nas séries iniciais, as atividades que me eram ofertadas não eram lúdicas e interessantes com as de hoje, logo percebo que, naquela época, a aprendizagem parecia de forma superficial, onde eu não via a minha realidade dentro da sala de aula.

Já na 2^a série, tudo parecia mais prazeroso, as amizades eram mais interessantes, a professora organizou um grupo de dança, em que se fazia a coreografia das músicas, e assim eu comecei a me interessar mais por esta linguagem, ou seja, tentava decorar e cantá-las.

Por fim, as tardes ou manhãs que eu passava na escola também se refletiam em casa, onde eu fazia vastas escritas com giz atrás da porta do quarto, tentando aperfeiçoar a minha letra e, ao mesmo tempo, imitando a professora. Também as minhas brincadeiras e amizades mudaram um pouco, não só

brincava sozinha com as minhas bonecas, mas também realizava atividades em grupo, como “passa-passará”, “selar”, enfim, brincadeiras de correria.

Ao término das séries iniciais, eu fui transferida para outra escola. Nesta escola, literalmente entrei na adolescência, tudo mudou, inclusive as minhas atitudes em casa. Eu parecia estar mais rebelde, quase repeti o ano na 5^a série, deixando a minha mãe muito brava.

Nessa época, eu comecei a pensar em namorados, eram repassados em salas de aula os questionários sobre a vida pessoal de cada um, e isso, para mim, foi uma fase fantástica, pois comecei a conhecer a minha personalidade, os meus gostos e identificar as minhas atitudes.

A escola que eu frequentava, a meu ver, parecia ser mais moderna, o melhor dizendo, mais atualizada do que a outra em que eu freqüentei as séries iniciais. As atividades de alguns professores eram mais provocantes, instigavam o potencial do aluno. Foi nessa escola que eu pude manusear um livro de literatura, que não fosse história infantil, pois na 5^a série foi exigida aos alunos da turma leitura mensal, sendo repassada a história oralmente perante todos.

Então foi nesta fase que se começou a corrigir os erros de português, pois com uma maior carga horária, consequentemente, mais textos, mais atividades, mais leituras.

Por fim, nessa escola, terminei minha adolescência e dei início na vida adulta. Ao término do ensino fundamental, ingressei no Magistério com muito sacrifício, pois só em pensar em ter que dar aula para crianças a desmotivação foi geral, mas segui a vontade da minha mãe, que sempre dizia que eu já sairia com uma profissão, no curso de Magistério.

No entanto, eu nunca fui de muita leitura, a não ser os livros de romance – “Julia”, “Sabrina” – que hoje eu percebo que eram leituras fantasiosas, em que eu imaginava encontrar um príncipe encantado e rico, muito diferente da minha realidade, sem contar que eram literaturas cheias de erros de português.

No Magistério, o 1º ano foi geral, eu tive todas as disciplinas que são disponíveis ao ensino médio, mas já no 2º ano as matérias foram direcionadas para lecionar e se tornaram mais práticas, as leituras eram mais sobre educação. Mas nesse período eu também me envolvi em outras atividades proporcionadas pela escola, como por exemplo, a reconstituição da banda escolar, o que me

proporcionou muitas alegrias e momentos especiais na minha vida, e descobri que sinto uma enorme satisfação ao ouvir uma banda marcial tocar.

Também nesse período, ingressei em um programa ofertado no Município para jovens empreendedores, em que foi formado um grupo de estudantes jovens para montar uma miniempresa. Nesta eu aprendi a trabalhar em grupo, pois o programa além de trazer novos conhecimentos aos jovens, destacava a importância da cooperação em grupo para um bom empreendimento.

Entretanto, o curso do Magistério continuava e cada vez mais o estágio também se aproximava e, logo, a elaboração dos planos de aula, que deixava todos de “cabelo em pé”.

No início do 1º semestre do ano de 2000, fui para a sala de aula, uma turma da 3ª série, em que mesclavam repetentes (alguns há três anos na mesma série), e mais, de acordo com os próprios professores da escola, os “piores” alunos da classe.

Logo, o estágio foi um desastre, tinha uma professora titular muito interessada em me ajudar, mas havia trabalhado toda a sua vida na zona rural do Município, em sala multisseriada, e que também era o seu primeiro emprego na zona urbana, ou seja, ela também não conhecia e nem tinha experiência com a realidade que estava ao nosso redor. Enfim, a minha experiência foi péssima, obtive a pior nota da turma, e descobri que não sabia o real sentido da aprendizagem, muito menos como ensinar as crianças, e hoje, através da Universidade, sei que aprendizagem não se dá só a partir do repasse de um conteúdo, mas precisa ter significado para o aluno, havendo trocas de saberes e valorização do professor perante a bagagem que o aluno traz de casa.

Mas, após esse período que me deixou traumatizada com o ambiente escolar, surgiu à oportunidade de realizar um curso técnico em enfermagem na cidade de Pelotas: esse curso mudou a minha vida, pois foi lá que eu me descobri profissionalmente. As aulas eram tanto teóricas como práticas e tudo aquilo em volta me fascinava, eu tinha sede de aprender, devorava os textos e estava sempre atenta a novidades sobre enfermagem. Assim, o meu estágio foi o inverso do Magistério, fui uma das melhores alunas e percebi que quando fazemos algo que gostamos tudo fica mais prazeroso. Atualmente trabalho na Santa Casa de Jaguarão há sete anos, e cada dia que passa vejo que estou mais apaixonada pelo o que faço.

No entanto, com a chegada da Unipampa na cidade de Jaguarão, o que veio em mente foi a de ampliar os meus conhecimentos, indiferente do curso que eu optaria, uma vez que naquele momento o importante era realizar o sonho de fazer uma faculdade.

Porém, no decorrer do curso e até nos dias de hoje não percebo em mim o mesmo entusiasmo que eu tinha quando fiz o Técnico em Enfermagem, pois não consigo adquirir o mesmo prazer com as tarefas que são propostas pela Universidade, como leituras, encontros, seminários e por fim os estágios, sendo que o primeiro onde foi realizado na Educação Infantil, também os resultados não são os melhores, encontrei sérios problemas para concluir, não que os empecilhos fossem direcionados contra a Universidade, mas sim comigo mesma, já que todas as dificuldades e obstáculos encontrados no percurso do Magistério e da Pedagogia a meu ver são consequências do meu envolvimento em atividades que eu não tenho laços afetivos, mas sim por teimosia em querer aproveitar as oportunidades, levando-me no futuro a grandes frustrações.

Todavia, as minhas expectativas quanto ao segundo estágio do curso me trazem um pouco mais de segurança em relação à sala de aula, na qual espero entrar na mesma com um pouco mais de domínio dos conteúdos propostos, e proporcionar aos alunos um ambiente agradável, com momentos de aprendizagens significativas, pois os alunos serão adultos e, naquele momento, nada pode passar em branco, penso que para eles o tempo é precioso.

Também não posso deixar de registrar, que essa segurança que eu percebo nesse semestre está relacionada com a disponibilidade em realizar somente o estágio, diferente do outro, na qual foi realizado paralelo a outras disciplinas, no entanto, foi uma decisão bastante difícil onde recebi muitas críticas dos meus colegas por não ter perseverança em finalizar tudo em uma única vez. Porém, hoje percebo que eu estava certa em ter cautela, a rotina está diferente e tenho certeza que as lembranças dessa etapa serão bem mais significativas e prazerosas do que a outra.

2. PLANEJAMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

2.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Pagliani.

Endereço: Praça Hermes Pintos Affonso, nº75.

Bairro: Centro.

Telefone: 32613265.

Data de fundação: No ano de 1925, sendo que só em 1958 recebeu o nome Padre Pagliani.

Turnos de funcionamento: Manhã, tarde e noite.

Nºde prédios: Dois prédios, sendo que o mais antigo possui dois andares.

Ambiente físico e arranjo espacial:

A Instituição Padre Pagliani, vinculada ao Município, está situada em diagonal a Santa Casa de Caridade de Jaguarão, próxima ao Quartel 12 RCM¹ e em frente à Praça Dr. Hermes Pintos Affonso.

O prédio é composto por dois andares, sendo que o superior se encontra desativado à espera de reformas. Dispõe de nove salas de aulas, sendo que três fazem parte de uma ala recentemente construída para atender a Educação Infantil, onde possuem móveis e banheiros adequados para a acomodação dos alunos. A escola dispõe de uma biblioteca, de uma sala da direção, sala dos professores, uma ampla sala administrativa, um SOE² uma cozinha anexada ao refeitório, quatro banheiros, sendo dois direcionados aos alunos, e possui espaço para cadeirantes, um aos professores e funcionários e, por fim, um outro que está vinculado à antiga sala da Educação Infantil que, segundo informações, será reformada para o laboratório de informática. No interior da escola, encontra-se uma quadra de esportes não coberta, com um pequeno pátio e árvores e, no outro espaço, uma pracinha aos alunos da Educação Infantil, com um amplo pátio coberto com grama.

¹ Regimento de Cavalaria Mecanizada.

² Serviço de Orientação ao Educando.

As salas de aulas são espaçosas e arejadas, porém apresentam precariedade na conservação das paredes, móveis, pisos e forros, trazendo ao local um aspecto de austeridade.

Portanto, a instituição apresenta uma estrutura que necessita de reformas e melhores disposições das salas, para assim proporcionar aos alunos um ambiente mais prazeroso.

Faixa etária atendida: Dos 05 anos a 70 ou mais.

Nº de professores: 32 professores.

Nº de alunos: Estão matriculados 308 alunos.

Nº de funcionários: 07 funcionários.

Reuniões cronograma da escola:

A escola organiza reuniões semanais durante uma hora, reuniões bimestrais e, sempre que houver necessidade, é estruturado um cronograma com datas de reuniões pedagógicas, estudos de recuperação, conselhos de classe, reuniões com os pais para entrega de boletins e, por fim, é encaminhado à Secretaria de Educação de Jaguarão, no início do ano letivo.

Direção: A direção é eletriva, e atualmente tem como diretora a professora Claider Teixeira de Oliveira, a vice-diretora da tarde Tânia Maria Pereira R. Nunes, a vice da manhã Ariane Magali N. de Souza e da noite Gislaine Albuquerque.

Coordenação pedagógica: Possui duas supervisoras, uma no período da manhã e outra no período da tarde.

Regimento: A escola apresenta um regimento elaborado, que atualmente está em processo de elaboração de um novo Projeto Pedagógico, com o propósito de reformular e ampliar as necessidades da escola e comunidade.

Rotina da Instituição: A escola tem por rotina horários de ingresso e saída dos alunos, sendo que o turno da manhã inicia a partir das 8h às 12h, o turno da tarde das 13h e 30 min às 17h e 30 min e o noturno das 19h às 21h 50 min, como também intervalos de recreação de quinze minutos nos turnos da manhã e tarde, e dez no turno da noite. São realizadas bimestralmente horas cívicas, na qual, se faz um agrupamento das datas comemorativas para serem festejadas e lembradas.

Proposta Pedagógica: Em virtude da elaboração de um novo PPP³, não foi possível fazer uma análise do mesmo.

Escola-comunidade: É considerada uma relação satisfatória.

2.2 DADOS REFERENTES À SALA DE AULA

Nome da professora: Neusa Eloísa Martines Silva

Formação: Magistério, Estudos Sociais, Licenciatura Plena em História e Pós-Graduação em Educação Infantil.

Planejamento: Conforme a professora, prefere partir da linha tradicional e da própria experiência como educadora há 22 anos.

Interação professor e aluno e aluno e aluno: No período observatório, aluno e professor demonstraram interação tanto com os exercícios propostos como reciprocidade de amizade e respeito. No entanto, alguns demonstraram agressividade verbal.

Recursos didáticos: Quadro, giz, folha xerocada.

Metodologia de trabalho: Questionários, leitura oral, exercícios através de cópias no quadro negro.

Rotina: A turma tem como rotina lanchar às 20h e 15 min e após intervalo de lazer, não possui nenhum tipo de aula especializada.

Sistema de avaliação: Provas, leitura oral e parecer, sendo que este é o que prevalece.

Nº de alunos: 13 alunos.

Idade: De 13 anos aos 60 anos.

Conhecimentos: No período de observação, foram trabalhados os conteúdos de Matemática (problemas e contas com as quatro operações, sentenças matemáticas), Língua Portuguesa (interpretação de texto, leitura oral, sílabas), Ciências (doenças sexualmente transmissíveis, animais invertebrados e vertebrados), Estudos Sociais (Município de Jaguarão).

2.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

³ Projeto Político Pedagógico, neste caso, documento referente a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Paguilhane.

A turma é composta por alunos com idades mescladas, de classe média baixa, na qual, muitos participam de projetos do governo como Bolsa Família, bem como a grande maioria trabalha durante o dia e estuda a noite, apresentam um bom relacionamento com a professora e demonstram interesse em participar das atividades. No entanto, dois alunos evidenciam agressividade dentro da sala de aula, usando vocabulários inadequados para o ambiente, sendo esses, de acordo com a professora, alunos que enfrentam bastantes dificuldades financeiras e problemas de relacionamento com os pais.

Os alunos durante os dias observados mantiveram-se acomodados em fileiras, com exceção de um dia que foi orientado pela educadora formar trios. Portanto, constatei que a turma mantém uma linha tradicional conforme a conduta da professora.

No decorrer dos dias observados, percebi através das entrevistas que a maioria dos alunos que se encontrava em sala de aula demonstrava um grande interesse em estudar e, na fala de muitos, “me formar”, “saber ler e escrever direito”, tornando assim um ambiente fácil de trabalho, pois todos têm o mesmo objetivo. No entanto, os alunos não apresentaram autonomia nas atividades propostas, os conteúdos foram abordados de forma mecanizada, sem aproveitar os seus próprios conhecimentos e sem dar a eles a oportunidade de raciocínio e interpretação de forma que não seja a resposta pronta.

Porém, a educadora da turma apresenta uma postura incansável, tendo como objetivo manter os alunos em sala de aula e proporcionar a todos o mesmo aprendizado de forma clara, para que todos realizem as atividades propostas, mostrando-se sempre preocupada com o rendimento individual dos alunos.

Durante o período de observação, também percebi na avaliação individual que a grande maioria dos alunos não sabia reconhecer em meio ao texto levado para avaliação, o que significavam frases, parágrafos e até mesmo um texto, ou seja, penso que eles apenas tenham como forma de entendimento a cópia e a realização das atividades, não sabendo o verdadeiro sentido de cada uma delas.

Por fim, as entrevistas e a avaliação individual, transcorreram de forma tranquila, na qual os alunos responderam às questões e ficaram bastante curiosos e ao mesmo tempo motivados por falarem de suas vidas, pois percebi que nas questões pessoais, eles relatavam com disposição e certo brilho no

olhar, penso que seja por dar atenção em conhecer a rotina de vida em que eles vivem.

Quanto ao período de estágio, a turma apresenta um ótimo relacionamento. Nesta ocasião ingressaram dois alunos novos, provenientes de outras escolas. Os dois alunos demonstram um pouco mais de dificuldade em relação à realização das atividades, exigindo assim, bastante atenção nos alunos para que eles finalizem a cópia ou a atividade proposta.

2.4 ABORDAGEM TEÓRICO-PEDAGÓGICA: PRINCÍPIOS NORTEADORES

Planejamento: O planejamento será elaborado a partir da realidade e das experiências de vida dos alunos.

Avaliação: A avaliação se dará através de processos contínuos, individuais e em grupos, respeitando o ritmo de aprendizagem do sujeito.

Didática: - Incentivo às manifestações do adulto (movimento, ação, linguagem, expressão), proporcionando atividades reais, desafiadoras, significativas e prazerosas para que os mesmos possam tomar decisões e trocarem seus pontos de vista, promovendo o desenvolvimento da autonomia, através de um trabalho cooperativo;

- Levantamento de ideias e conhecimentos dos alunos para a realização de atividades.

Áreas de conhecimento:

- Problematização das diferentes formas da linguagem escrita e oral;
- Reflexão metalingüística (gramática, ortografia e acentuação) a partir da leitura, produção e análise de diferentes gêneros textuais;
- Exploração dos diferentes significados dos números e de suas relações (quantidades, as operações e seus registros) a partir de situações problema;
- Reconhecimento do adulto como cidadão capaz de agir na sociedade;
- Reflexão crítica e histórica sobre os serviços públicos na cidade de Jaguarão (saúde e transportes);
- Análise das relações entre o clima e as condições da saúde no estado do Rio Grande do Sul;
- Entendimento da concepção de saúde no sentido físico e mental;

- Problematização de questões relacionadas à exclusão e a discriminação social e cultural, respeitando as diversidades;
- Promoção da sensibilidade, imaginação e percepção, contemplando o conhecimento artístico em diferentes culturas;
- Reconhecimento do adulto como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde coletiva.

2.5 FIO CONDUTOR E EIXOS POSSÍVEIS

TEMA CENTRAL: Saúde e transporte em Jaguarão: Analisando as opiniões de jovens e adultos.

EIXOS POSSÍVEIS

A estrutura e organização da saúde.

O sistema de transportes

2.6 JUSTIFICATIVA

Tendo como princípio a importância dos diferentes posicionamentos dos alunos da EJA⁴, busquei como fio condutor para a realização deste trabalho a questão da saúde e do sistema de transporte público em Jaguarão, partindo primeiramente pela minha ligação com a saúde pública ao atuar como técnica de enfermagem na Santa Casa deste Município e através de opiniões geradoras apresentadas pela orientadora do Curso de Pedagogia, para então traçar juntamente com a turma discussões e análises dos temas propostos.

⁴ Educação de Jovens e Adultos.

2.7 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Produzir textos a partir de leituras, vídeos, palestras, passeios, relacionados à questão da saúde e do transporte público do Município.
- Utilizar o dicionário como fonte esclarecedora de palavras desconhecidas.
- Ler e interpretar textos.
- Calcular diversos significados dos números e de suas operações.
- Pesquisar as mudanças climáticas do Município
- Problematizar a questão da saúde e do transporte público de Jaguarão.
- Confeccionar jornal através de uma visão crítica e histórica sobre os serviços públicos do Município.
- Conhecer os principais cuidados com o próprio corpo.
- Realizar atividades físicas em benefício à saúde.
- Desenvolver a sensibilidade, imaginação e percepção através de atividades manuais e visuais.
- Problematizar a humanização na saúde

2.8 ABORDAGENS POSSÍVEIS E SEUS DESDOBRAMENTOS

A estrutura e organização da saúde:

- Leitura e análise de bulas e consulta ao dicionário de palavras desconhecidas;
- Confecção de um bulário;
- Elaboração de perguntas a serem realizadas ao profissional da saúde;
- Palestra com profissional da saúde, com o tema a ser eleito pelos alunos;
- Exibição do programa Bem Estar, com o assunto a ser escolhido pela turma;
- Bingo ortográfico a partir dos textos lidos;
- Leitura de tiras de jornais sobre a questão saúde do município;
- Jornal da saúde;
- Leitura e interpretação de textos sobre a questão da saúde;
- Produção textual a partir de palestra, e vídeos que tratem da saúde pública do município de Jaguarão;
- Problemas contextualizados, envolvendo adição, subtração, multiplicação e divisão;
- Mudanças climáticas do município que comprometem a saúde da população;

- Calcular o IMC⁵ de cada aluno.

O sistema de transportes:

- Registro escrito e oral de entrevistas realizadas na comunidade sobre os ônibus de Jaguarão;
- Pesquisa sobre o valor da gasolina;
- Passeio com transporte público pela cidade;
- Elaboração de um relatório escrito sobre o passeio orientado aos bairros da cidade;
- Produção textual a partir da leitura de manchetes de jornais que envolvem a temática do sistema de transporte público de Jaguarão;
- Problemas matemáticos envolvendo as quatro operações através da pesquisa sobre o valor da gasolina;

PROCEDIMENTOS	RECURSOS
Trabalho em grupo e individual Leitura oral e coletiva Leitura silenciosa Dinâmicas Passeio com ônibus circular na cidade Programa em DVD Músicas em CD	Cartolinhas Jornais Cartela de bingo Folhas de ofício Bulas de remédios Papel pardo Canetas hidrocor coloridas CD e DVD Rolo de barbante Bexigas Cadernos Televisão

2.9 AVALIAÇÃO

⁵ Índice de Massa Corporal.

A avaliação se dará a partir de trabalhos em grupos, produção de trabalhos manuais, produção textual individual, coletas de perguntas para a entrevista com o profissional da saúde, e por fim, uma avaliação diária, sendo essa um processo permanente em sala de aula. Portanto, tenho a intenção de tornar a avaliação da turma de forma amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, pois para LUCKESI (Acesso em 2004, pg. 09) um instrumento não poderá dificultar a aprendizagem do aluno, mas ter o sentido contrário servir de reforço ao que já aprendeu. Assim pretendo avaliá-los tanto na individualidade como em grupo.

2.10 CRONOGRAMA

O período de realização da prática docente está previsto a partir de 23/05/2011 à 22/06/2011.

3. REFLEXÕES ANALÍTICO-TEÓRICAS SOBRE A PRÁTICA

O meu início na prática como educadora da EJA, foi considerado muito tranquilo, não ocorrendo os possíveis comentários relatados pela minha orientadora de estágio, na qual os alunos poderiam se surpreender com algumas atividades dando suas opiniões de forma que pudessem distinguir do habitual, ou de forma que eles se expressassem em relação às aulas como uma fonte diferenciada de aprendizagem.

No entanto, o que eu percebi foi uma difícil tarefa em fazer com que os alunos tivessem autonomia para trabalhar o que não fossem cópias, respostas prontas, como por exemplo, na produção textual percebi, que eles apenas sabiam copiar do quadro para o caderno e do caderno para as perguntas, pois quando se tratava de expor suas opiniões de interpretar o que eles estavam lendo, eles diziam “mas isso não está no texto”, “não entendi”.

Logo imaginei que teria uma difícil tarefa pelas próximas semanas, ou seja, em transformar a sala de aula da EJA em um ambiente reflexivo, pois eles estavam cheios de vivências e de aprendizagens que nem sempre são expostas, que de alguma forma contribuiria para o conhecimento de cada um.

Conforme o Caderno 2 “Trabalhando com a educação de jovens e adultos, Trabalhando com a educação de jovens e adultos”, (2006, p.06), diz que a sala de aula se caracteriza como um lugar de voz, de produção, onde os alunos compartilham conhecimentos, assim o professor deve proporcionar ambientes direcionados a reflexão do aluno, como em rodas de conversas, na qual eles pensam, falam, ouvem e reproduzem, despertando em cada um conhecimento diferente do que eles estavam acostumados.

No entanto, sabia que trabalhar com alunos da EJA dessa forma não é difícil, mas também não é fácil, pois os alunos são características de uma sociedade menos favorecida, onde geralmente realizam atividades em que tem que seguirem ordens de patrões, ou seja, são treinados a receber ordens e seguir as orientações, e consequentemente na escola essa rotina também se repete, entretanto, pretendi nesse curto período dar uma nova visão a estes alunos da EJA.

Mas para entender um pouco desses alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos, vamos fazer uma rápida retrospectiva do entendimento de educação ofertado aos alunos.

Um olhar retrospectivo na EJA.

A Educação de Jovens e Adultos, ou mais conhecidos como a EJA, é um espaço de educação formal ou informal, ofertada a sociedade brasileira, que abrange alunos de faixa etária acima de quinze anos, até a infinita idade.

Conforme Haddad (2009, p.357), esse espaço não é novo em nossa história, pois afirma que:

Nas décadas de 1960 e 1970, um conjunto de pequenas organizações - associações civis sem fins lucrativos, as organizações não-governamentais -, em parceria com as pastorais sociais da Igreja católica, organizou-se para dedicar-se ao trabalho de educação popular com os setores mais pobres da população. O que se buscava com esses processos educativos, principalmente com adultos, era ampliar o nível de compreensão que a população pobre tinha das suas condições de vida, discutindo suas causas e desenhandando estratégias para uma atuação crítica na sociedade, sob forte influência do pensamento de Paulo Freire. Eram totalmente desligados dos sistemas públicos de ensino, que estavam controlados pela ditadura.

Assim, percebe-se que desde muito tempo a educação de adultos é um espaço de conhecimento, de trocas de aprendizados e acima de tudo de discussões em volta do que cada um trás consigo, indo muito além do quadro e do giz.

Por isso, MOLL (2005, p.11) diz que:

[...], quando falamos “em adultos em processo de alfabetização”, no contexto social brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências de infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar, por concepções que os afastaram da escola como de que “mulher não precisa aprender” ou “saber os rudimentos da escrita já é suficiente”, ou ainda, pela seletividade construída internamente na rede escolar que produz, ainda hoje, itinerários descontínuos de aprendizagens formais. Referimos-nos a homens e mulheres que viveram e vivem situações-limites nas quais o tempo de infância foi, via de regra, tempo de trabalho e de sustento das famílias.

Logo, o ambiente que recebe esses indivíduos não pode ser mais uma sala de aula na escola, e sim um local que leve os alunos de encontro com o que eles desejam, não apenas com o que a escola almeja.

Novas propostas, novos conceitos em relação à EJA.

A segunda semana de estágio transcorreu um pouco diferente, os alunos se tornaram mais participativos e começaram a compreender o meu jeito de trabalhar. No entanto, não posso deixar de frisar a importância que foi a visita do profissional da saúde em sala de aula, trazendo a todos curiosidade e interesse.

Essa atividade mexeu com todos em sala de aula, até mesmo com os meninos, pois, no dia da palestra, eles foram fantásticos, colocaram as suas curiosidades e anseios em forma de perguntas, uma vez que o médico palestrante estendeu o assunto até a sexualidade na adolescência, tornando assim o assunto também interessante a eles.

Mas o mais interessante foi que percebi a importância de valorizar os interesses dos alunos e, principalmente, de torná-los importantes em sala de aula, na qual, um palestrante iria falar exclusivamente para eles. Falo isso, por ter acontecido um episódio muito interessante. Durante todas as aulas, desde as observações até o período de estágio, um aluno bastante carente, com sérios problemas em casa, órfão de mãe muito cedo, sendo criado pelo pai com muitas dificuldades, sempre frequentou as aulas de forma muito simples, com roupas sujas, rasgadas e, às vezes, mal cheiroso. No entanto, nesse dia foi para a aula, penso eu, com a sua melhor roupa, cheiroso e muito bem vestido, chamando a atenção de todos em aula. Digo isso, devido a sua ansiedade em receber a visita do tão esperado “Dr. Nereu”, pois ele passou toda a aula perguntando que horas a visita chegava.

Assim, comprehendo o valor de proporcionar aos alunos, momentos que estão próximos deles, realizando atividades que vão de uma forma ou de outra, fazer diferença na vida de cada um.

Em decorrência deste momento, no dia seguinte, os alunos se mostraram bastante satisfeitos com a palestra, embora poucos estivessem presentes, no entanto, a atividade proposta para a aula, na qual, eles deveriam montar um “jornal da saúde”, transcorreu de forma tranquila e de certo modo satisfatória,

pois eu percebi que a atividade havia feito sentido a eles, principalmente aos adolescentes, que riem bastante ao lembrar das questões levantadas por eles mesmos com a relação ao sexo e a proteção.

Perante a essa oportunidade, trabalhei diversas questões com os alunos, de uma forma diferente, pois através de uma palestra, renderam várias aprendizagens em diversos contextos. Assim, OLIVEIRA (2007) ressalta com relação à seleção dos conteúdos onde afirma que:

[...] o que percebemos é que os critérios e modos de seleção e organização curricular não buscam dialogar nem com os saberes nem com os desejos e expectativas dos jovens a que se destinam, permanecendo enclausurados nas certezas de uma "ciência" que, em nome das suas supostas objetividade e neutralidade, abdica de se comunicar com o mundo das pessoas.

[...] a necessidade de uma lógica que os comprehenda não como uma finalidade em si, mas como meio para uma interação mais plena e satisfatória do aluno com o mundo físico e social à sua volta, oportunizando a essas populações a valorização dos saberes tecidos nas suas práticas sociais em articulação com saberes formais que possam ser incorporados a esses fazeres/saberes cotidianos, potencializando-os técnica e politicamente.

Como nem tudo são flores há minha terceira semana transcorreu de maneira diferente, digo isso, por um comentário de uma aluna, na qual ela diz “estar cansada das minhas aulas, tá todo mundo dizendo a mesma coisa professora, a senhora não puxa por nós, e depois vem a outra professora e dá matéria e matéria”. Logo, “as minhas tranças caíram”, fiquei bastante frustrada com esse depoimento, até mesmo por ter vindo de uma aluna bastante participativa em sala de aula.

Porém, ao analisar o planejamento daquela semana, realmente acho que ficou um pouco monótona, mas logo percebi que era consequência do meu cansaço, pois já estou na reta final, e a imaginação não flui da mesma maneira, começa a ficar escasso o repertório, e o pique não é mais o mesmo. Logo parei para pensar, e se fossem seis meses, como eu aguentaria? Será que eu continuaria trazendo para eles atividades inovadoras? Ou me tornaria uma professora tradicional, com cadernos de dez anos atrás, com questões pouco atualizadas, mas não me preocuparia e nem perderia tempo em pesquisar coisas novas?

Mas ao mesmo tempo, penso que os alunos cansaram do mesmo ritmo das atividades, pois a maioria fazia com que eles pensassem, interpretassem sozinhos, e eles não estão acostumados a isso, pois a realidade do dia-a-dia da sala de aula deles é diferente da que eu propus.

Entretanto, MOLL (2005, p.13), assegura que a mesma escola que afastou esses alunos, é a mesma esperada por eles hoje, afirmado que:

[...] será preciso construir a sala de aula como espaço da palavra, portanto como espaço de escuta. Será preciso redesenhar a configuração imaginária da escola que vive na memória de cada um e de cada uma: em geral a escola do silêncio, da palmatória, dos grãos de milho, do rosto virado para a parede, do um atrás do outro, do absolutismo do professor. Esta escola que, muitas vezes, os retirou da cena escolar, é – contradicoratoriamente - a escola esperada. É também a escola da cópia, do caderno cheio, da correção da professora em letra vermelha, da voz uníssona da professora e do sentido total da obediência.

No entanto, a minha função como estagiária é tentar modificar essa visão do aluno que vai para a sala de aula, e pensa, que só aprende se encheu o caderno com palavras, independente, se sabe o significado de cada uma delas. Sei também que nem todos os alunos compartilham da mesma ideia, apenas eles foram introduzidos na escola através de um pensamento padronizado.

E por fim, a última semana de estágio transcorreu de forma muito agradável, onde todos participaram e as atividades foram bem aceitas, mas o que marcou mesmo a meu ver foi à atividade de quinta-feira, a “roda semanal de leitura”, uma daquelas atividades exigidas pela orientadora do Curso de Pedagogia, que naquele momento não dei muita importância para o xerox a ser utilizado. Só depois, percebi a importância que tinha em cada atividade escrita.

Portanto, esta atividade foi marcante, pois os alunos nunca tinham ido até a biblioteca, com exceção, para buscar alguma coisa para a professora, ou como disse um aluno “eu só entrei aqui para ficar de castigo”. Bom, depois dessa frase, eu percebi o grande distanciamento que os alunos têm da leitura na própria escola, pois a biblioteca, um espaço riquíssimo em conhecimento, naquele momento para o aluno, era um lugar que não deixava boas lembranças, e tão pouco era um lugar de visitas.

Como já era de se esperar, os meninos pouco se interessaram pela atividade, uma vez que o ambiente também para eles não era o mais acolhedor, e tão pouco familiar, no entanto, para as meninas, foi uma descoberta, na qual elas manusearam e reconheceram autores já lidos ou trabalhados, inclusive em nossas aulas.

Penso que a biblioteca seja ela como for, grande, pequena, com bastante ou poucos livros, não é um espaço para deixar um aluno de castigo, e nem levá-lo para lá em forma de punição, mas sim um espaço de ampliar os conhecimentos, de cultivar no aluno o hábito da leitura, de despertar a curiosidade em adquirir mais informações, ou seja, um ambiente prazeroso e não assustador.

Por isso MOLL (2005, p.16) afirma que a oportunidade dos alunos de frequentar a biblioteca da escola e o estímulo do professor ao aluno na busca por outras bibliotecas na cidade, podem tornar-se uma aproximação pedagógica significativa no mundo escrito do aluno.

Porém, a autora vai além e cita:

É preciso criar condições para a prática da leitura. O primeiro passo é facilitar o acesso ao livro. As bibliotecas são insuficientes, é preciso aproximar o livro das classes populares. Do poder público, espero a definição de políticas claras para a formação de leitores, a exemplo do que já existe para o automóvel, o frango e a ração importada para gatos. Todos podem fazer algo, mas é do professor que se espera mais. Um trabalho consistente em aula pode formar leitores mais competentes e mais felizes, [...]. (MOLL, 2005, p.52)

Por fim, concluo a reflexão da minha prática como estagiária da Educação de Jovens e Adultos, trazendo imagens da confraternização realizada pelas duas turmas de EJA na Escola, no dia vinte e um de junho, do corrente ano, mostrando assim, um ambiente de harmonia, união, alegria e por fim aprendizado, pois penso que só aprendemos quando vivemos em um ambiente de constante interação com o meio que estamos inseridos.



Foto 1 – Turma na confraternização.



Foto 2 – Muita alegria e diversão.



Foto 3 – Casal que animou a festa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termo do estágio com a EJA, percebi uma nova visão de sala de aula, pois me senti extremamente à vontade naquele ambiente, embora tenha sido bastante cansativo, já que, como a maioria dos meus colegas, essa prática foi paralelo a outras atividades profissionais. No entanto, me trouxe experiências novas, sentimentos novos com relação ao Curso de Pedagogia, fazendo com que eu realizasse uma retrospectiva do meu tempo como acadêmica, e valorizasse a importância de tudo que foi falado e realizado naquele espaço.

A minha prática transcorreu a meu ver, muito tranquila e satisfatória, e devo a isso, a incansável dedicação e atenção da minha professora orientadora de estágio, Patrícia Moura Pinho, pois soube trazer novas perspectivas tanto para mim como para a turma, acreditando sempre no potencial de cada um, nos deixando assim, bastante a vontade tanto em sala de aula na Faculdade, como também na prática de estágio, pois muitas das visitas realizadas por ela, às vezes parecia que não tinha ninguém me avaliando e sim mais uma aluna em sala de aula, deixando o ambiente tranquilo e fortalecendo a minha prática como educadora.

Com relação o dia-a-dia em sala de aula, posso considerar que alcancei todos os meus objetivos perante a turma, uma vez que, procurei sempre trabalhar com os alunos a realidade em que eles estavam inseridos, e também os instigando a trazer para a sala de aula as experiências de cada um como cidadão perante a sociedade em que vive deixando-os livre para expor seu saberes e fazeres. Pois MOLL (2005, p.17) afirma que a sala de aula da EJA, deve estar próxima com o seu meio, tornando-a significativa para o aluno, e isto, se deve pela maneira como o professor conduz a prática em sala de aula, por isso, autor menciona que:

Fazer-se professor ou professora de adultos implica empreender trajetórias que se enveredem pela razão sensível que, compreendendo e explicando o mundo com seus condicionantes históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais, permita que a singularidade das histórias humanas se explicitem no espaço da sala de aula para que cada um, se dizendo, possa dizer de seu mundo. E dizendo suas novas palavras, possa encantar-se com o universo de conhecimento que vem através delas.

Sem dúvida alguma, finalizo este estágio concretizando um desejo exposto por mim, em páginas anteriores neste relatório, mais precisamente no “Memorial”, quando digo que “gostaria de ter melhores lembranças desta prática do que da outra do 7º semestre”, por isso, tenho a certeza que realizei um excelente trabalho com os alunos da turma da EJA, deixando neles lembranças gratificantes das noites frias que enfrentamos no decorrer desta trajetória.

REFERÊNCIAS

HADDAD, Sérgio. **A participação da sociedade civil brasileira na educação de jovens e adultos e na CONFINTEA VI.** Rio de Janeiro, maio/ago. 2009. Revista Brasileira de Educação, vol.14, p.355-369. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun. 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar.** Disponível em <<http://www.artmed.com.br/patioonline/patio.htm?PHPSESSID=47c842e39090dec902020db09b210123>>. Acesso em: out. 2004.

MOLL, Jaqueline. Org.; Sita Mara Lopes Sant' Anna... [et al.]. **Educação de jovens e adultos.** 2ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2004. 144p.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA.** Curitiba, Educar em revista, 2007, n°. 29, p.83-100. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun. 2011.

TRABALHANDO COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, caderno 2. **A sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem.** Ministério da Educação. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno2.pdf>. Acesso em: 26 maio 2011.

ANEXOS

ANEXO 1 – Ficha ponto

ANEXO 2 – Planos de aula

ANEXO 3 – Avaliações